

BANDO ESCOLÁSTICO

Recitado em 5 de Dezembro de 1927

PELO

ALUNO DO 7.º ANO DE LETRAS

Francisco Antunes Guimarães

Glória da nossa Terra! A ancestral aurora
donde irradiou, suprema, a luz reveladora
que divulgou a Fé e iluminou de heroísmo
do pélagio fervente o tenebroso abismo!
Como ontem, Guimarães, tu há-de ser ainda,
na tua tradição tam rútila e tam linda,
o fulcro vigoroso, a célula pujante,
por onde Portugal ressurgiu e se alevante
da triste escuridão a que o deixaram ir,
os que olham o presente e esquecem o porvir!
Hás-de ser tu que, ao som de festivos repiques,
farás lembrar que em ti nasceu Afonso Henriques.
E o lábaro da Glória — à raiva de prejuros —
tremulará òvante em cima dos teus muros.
Heróicas, como outrora, ao tempo das conquistas,
em fé e patriotismo e obras nunca vistas,
em busca do Graal, falanges partirão,
qual outro rei Artur, a salvar a nação!

Que a mocidade de hoje assila no seu peito
o rancor à mentira, o ódio ao preconceito.
E firmemente quere — e há-de dar a prova —
erguer em Fé e Amor o altar da Pátria nova!
De ti há-de partir a sugestão mais forte
que vença o inimigo e vença a própria morte!
Há-de partir daqui, intrépido, seguro,
o exército imortal à glória do Futuro.
E então, glorioso, belo, imenso e triunfal,
no mundo ressoará um nome: Portugal!

Mas... Guimarães, perdão! Reviva neste instante
a mais bonita festa, a Festa do Estudante!
Hoje um lapso à folia, um sуетo à mocidade.
Deixai cantar e rir a deusa Hilaridade.
¿ E' a vida um sonho amêno? Uma ilusão? Talvez.
Mas para ser vivida, a graça do entremez,
a lágrima do drama, o pranto da amargura,
como o beijo do orvalho a abrir a flor mais pura,
da vida há-de tombar no cálice incolor,
e transformá-la em riso ou transformá-la em dôr!
Por isso desculpai o que o pregão observa:
Hoje ganhou o scetro à inclita Minerva
e do poder subiu ao derradeiro grau,
o nosso padroeiro o grande Nicolau.
O' vós que me escutais, mestres esclarecidos,
do nosso pensamento e alma tam queridos,
dignai-vos aceitar de ardentes corações
a homenagem melhor das suas saudações.
Mas... livros hoje? Não! Deixai-os descansar,
que isto, bem o sabeis, não pode ir a matar.
A gente escuta sempre as vossas sábias práticas
mas hoje... tem que ser! Fecham-se as Matemáticas.
A Química não fala. E' muda a Geografia.
E, Físicas, Latins, Inglês e Biologia
rôda essa legião de textos e doutrinas
não podem cá entrar nas festas nicólinas!

Correu a voz da infâmia, o boato alvissareiro,
de não ser feita este ano a Festa do Pinheiro.
Assim, iniquamente, ai se propalou.
E o bom S. Nicolau ouviu, sorriu, calou,
porque Ele bem sabia o estéril fundamento
da notícia veloz arremessada ao vento.
Contra a aleivosa audácia, enérgica, reclama
da Festa Nicolina a sua eterna fama,
e faz saber aqui, à insidia infamante
que: enquanto em Guimarães houver um estudante
e enquanto pela rua a capa flutuar,
a Festa há-de fazer-se, a Festa há-de durar!

Já um ano decorreu e... vêde quanto alcança
o esfôrço dispendido em prol de uma esperança!
Desencantou-se, enfim — aqui o deixo expresso —
essa palavra ideal que se chama Progresso.
Vê tu, ó Guimarães, incrédula outrora,
como ela te ilumina em cânticos de aurora!
Vê como esse esplendor bendito, se insinua,
cantando alegremente em cada praça ou rua.
Ontem os largos teus criavam ervas ruins
e hoje, ó maravilha! esmaltam-nos jardins!
Impudicos o ar, enchiam maus olores
onde repunge agora o bálsamo das flores!
Tornou-se mais airoso, embora sempre aziago,
o tal bairro latino, a Praça de S. Tiago.
E até puseram lá, por humorismo e graça,
um chafariz que dá de beber a quem passa...
Mas não se cinge a isto a obra meritória
que há de, por certo, dar renome à lusa história.
Subi ao pouso ameno, ao alto da colina,
e vê-la heis imponente, a alcáçova afonsina
alçando o seu perfil garboso, singular,
na fina transparência esplêndida do ar!
Causava mágua vêr o pristino guerreiro
manietado ali, em duro cativoiro.
Veio o bom senso, enfim! Chegou a nova era!
Já fala para nós essa grandeza austera,
na pedra secular que o tempo denegriu,
mas, nunca, destruidora insânia demoliu!
Mais longe chega ainda o gigantesco impulso
de quem procura dar-te a força do seu pulso,
de quem aspira vêr-te, ó terra gloriosa,
como rainha altiva e linda como a rosa!
Por isso no teu seio, esplêndidos, simétricos,
fazem da noite dia os teus focos eléctricos!
E, para eternizar o sonho que os conduz
ergueram-te isto até! Um monumento à luz!
Deram-te, fôsse embora à custa de aranzel,
a sala de jantar dum cómodo hotel!
Ideia genial e pródigo carinho!
Se a pressa te obrigar a prontas decisões,
não precisas subir, lá fora, ao Cavalinho...
Tens um «quiosque» ideal, na rua de Camões!

Em breve — crê — é um facto, escusas ter receios:—
Será inaugurada a Central dos Correios.
Agora não é fita, O mísero pardieiro
vai exalar, que é tempo, o alento derradeiro.
Será uma festa enorme a festa da abertura,
Com música e tum-tuns a estralejar na altura,
entusiasmo vivo, opíparo jantar
e taças de champanhe erguidas para o ar!
Corre insistente agora — ideia que idolatro —
que possuirás também um confortável teatro.
Para essa construção, sem dó, sejam proscritos
da encantadora Penha uns certos eucaliptos
que lhe crescem diante em pinchos de hotentotes
e darão, certamente, esplêndidos barrotes.
A êles, lenhador, o golpe justiceiro!
Que nem um só lá fique; é isto o que eu requeiro.
Alegra-te a esta nova, ó Guimarães, exulta!
Vai ter reparação aquela afronta inulta
que as idas gerações do teu formoso burgo
negaram a êsse ilustre e grande dramaturgo,
honra da tua grei, engenho surpreendente,
que a Europa admirou: o Poeta Gil Vicente.
No mármore e no bronze, o génio seu fecundo,
ficará recordando a tua glória ao mundo!
Sinceros parabéns! O vento é de feição.
Anima-te o progresso, o seu fulgor te exalta.
Ao sôpro que te impele à posição mais alta,
tu vais realizar a tua aspiração!

Bombeiros, exultai! Foi nobre o vosso gesto!
Por êle, eu uno aqui ao vosso, o meu protesto!
Quiseram patentear, na dádiva mesquinha,
a sua gratidão, os maiores da Cuca!
O' mártires do Bem! à honra assim convinha.
Bombeiros, parabéns! E' assim como se educa!

Tricanas! Onde habita a ingénua singeleza
que já vos emprestou milagres de beleza?
Aquela chinelinha airosa e saltitante
de talhe precioso e graça exuberante,
o clássico avental, o lenço floreado,
que davam tanto chiste e brilho natural
ao vosso corpo esbelto, ao vosso andar ritmado,
— o que era o vosso encanto — onde pára afinal?
Hoje, como se fôra um vergonhoso Entrudo,
palhaços vos fazeis, no corpo, na alma, em tudo!
Moças da minha Terra, ingénuas raparigas,
deixai essa loucura em que a alma vos delira;
cantai o vosso amor em dúcidas cantigas
e o despotismo horrendo, a trágica mentira,
a moda que vos leva à escravidão mais forte,
condenai-os, sem dó, à proscricção e à morte!

Senhoras! Recebei em nosso leal respeito,
as francas saudações do mais gostoso preito.
No ritmo e na côr dêstes alexandrinos,
a Vós, damas gentis de mãos e rostos finos,
a Vós que possuis o sedutor encanto,
que faz da vida um sonho, ou faz do sonho um pranto,
um hino a Vós se eleve e paire em derredor,
glorioso como o sol, vibrante como o amor,
e fique em vosso peito, em êxtase, a cantar,
qual o som de um violino, em noites de luar!
Donzelas de alma nobre e coração sem jaça!
Como é que sendo assim formosas confundis
a límpida beleza, a íntima virtude,
com a miragem vã que apenas vos ilude?
¿ Como é que vós entraís na feira do artifício
e dais ao vosso rosto o hórrido suplicio
que afeia a límpidez das cútis de marfim
com vermelhões de *rouge* e nódoas de carmim?
Porque é que à vil tesoura a vossa trança dais
que estrofes mil lançou, em poemas imortais?
E vosso olhar de sonho e graças feiteiras,
porque é que o aprisionais em lúbricas olheiras?
E o vosso corpo ideal, quando era recitado,
¿ por que é que transformais num grito de pecado?
Senhoras! Consenti a audácia de um conselho:
desterrai o decote, a saia rente ao joelho
e, embora vós fulmine o sorriso escarninho,
devolvei a Paris o cabelo à Joãozinha.
Voltai à vossa graça ingénua e virginal,
voltai à vossa Terra, ao céu de Portugal!

E' amanhã, gentis, o mais formoso dia.
Fieis à tradição tão cheia de poesia,
quais outros manestréis, na medíeva idade
tangendo o arrabil, à doce claridade
dos brilhos siderais, ó Fadas do enleio,
viremos-vos trazer, em fino galanteio,
o pomô da amizade, em glórias de rainha,
o símbolo do afecto, a doce maçazinha.
O' belas, aceitai-a e dai-nos um sorriso
onde se espelhe abril num celestial fulgor,
onde floresça e reze o bem do paraíso,
onde gorgoe e cante o rouxinol do amor!

Rapazes! Acordai-me o som dêstes tambores!
Que ele ressoe ao longe em gritos e clamores
do vale e da montanha, às praias do Oceano!
Bem alto proclamai que o peito lusitano
revive para aquém dos versos de Camões.
Com garbo, a maçaneta, e ânimo pulsai:
Que lembre o seu fragor, dos cumes do Sinai
a terra apavorando, os bíblicos trovões!
Rufai, moços, rufai com entusiasmo ardente,
e onde chegar do bombo o eco omnipotente
à ansia de quem ouça o seu troar ovante
se diga que não morre a Festa do Estudante!

Arnaldo Bezerra.